

Entre dois céus

Nasci no Rio de Janeiro, onde o dia parece amanhecer mais cedo e a cidade sempre acorda primeiro que todo mundo. Lá, eu aprendi a ver as horas pelo som das ondas batendo na areia e pelo cheiro de maresia que vinha junto com o vento. Era como se o mar estivesse me chamando o tempo todo, mesmo quando eu não podia atender. O calor não vinha só do sol, ele estava também no “bom dia” dito com sinceridade, nas risadas que surgiam do nada, na música que aparecia sem aviso e, de repente, preenchia todo o ambiente em que passava.

Crescer no Rio era estar sempre cercado de vida. O calçadão cheio, daquele cheiro de biscoito Globo e mate gelado, o barulho dos milhares de carros na rua e, por outro lado, a paz de olhar o mar no fim da tarde. Era tudo com muita pressa, como se cada momento tivesse que ser vivido antes que a noite chegasse.

Até que um dia a vida me trouxe para Porto Alegre. A primeira coisa que senti foi o frio, aquele que no inverno faz a gente encolher os ombros, e ter calafrios da ponta da cabeça até a sola dos pés. Pensei que fosse só trocar de endereço, mas não. Mudei também de ritmo. Aqui, a cidade é mais calma, as conversas começam aos poucos e o silêncio não incomoda, ele também é um jeito de abraçar. Com o tempo, percebi que Porto Alegre também tem sua forma de afeto, mas ele é mais tímido. Aparece em um chimarrão passado de mão em mão, no silêncio confortável de uma conversa sem pressa e o vento frio e sozinho, que antes me incomodava, hoje anda comigo como um velho amigo.

Troquei o barulho das ondas pelo silêncio das ruas frias, e descobri que o silêncio também pode ser música, a linha infinita do horizonte virou o pôr do sol no Guaíba, que parece sempre esperar um pouco antes de sumir. No Rio, a vida corria. Aqui, ela caminha. E nesse passo mais lento, aprendi a reparar em detalhes que antes passavam batidos.

O Rio é minha raiz, meu sotaque e meu jeito de andar. Ele ainda mora em mim, no verão que ficou na memória, no batuque que ouço mesmo de longe. Porto Alegre me ensinou a gostar dos dias nublados, do cheiro de chuva e do céu que muda de cor como uma pessoa indecisa muda de ideia.

Hoje, quando fecho os olhos, ouço dois sons: as ondas batendo na areia e o vento passando pelas árvores. Vejo dois tipos de céu, sinto duas formas de calor. E entendo, que o meu coração aprendeu a viver, com orgulho e gratidão, entre dois céus.

Pedro Scofano – JPSul 2ª série – narrativa ficcional

Comentário da banca: Texto vencedor pela criatividade e profundidade revelada na abordagem do nascimento e desenvolvimento pessoal do autor. É uma narrativa que ganha o leitor pela sensibilidade de aproximar "opostos". Parabéns!